

311/45

Um Espião

COM A FEB NA ITALIA.
(De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — 27 de novembro de 1944 — Via aérea).

— Quanto eles prometeram-lhe pagar?

— Nove mil liras por mês.

— Só?

— Não. Isso era o pagamento fixo. Sempre que eu fizesse um serviço bom, eles me dariam uma gratificação. Disseram que podiam dar até 50 mil liras de uma vez. Mas isso eu acho que não arranjaría. Só se levasse uma informação muito boa...

“Uma informação muito boa”. Essas palavras que esse belo rapaz de pouco mais de vinte anos está me dizendo com esse ar calmo e resignado do empregado que conta o seu ajuste com o patrão quer dizer isto: uma informação capaz de causar a perda de um batalhão brasileiro inteiro, por exemplo.

Uma informação capaz de ajudar concretamente a matar muitos homens, a mandar para o hospital muitos outros, com os corpos cheios de estilhaços de granada — ou de fazer chegar a um frio campo de concentração nazista uma boa leva de rapazes brasileiros. Uma coisa assim capaz de ajustar as finanças daquele simpático moço em minha frente com uma bolada de 10 contos de réis — coisa importante para quem recebe 1.800 cruzeiros por mês.

— Signore tenente...

Alguém explica ao espião que eu não sou um tenente, sou um correspondente de guerra — e isso põe em pânico o homem:

— Tomou nota de meu nome? Meu nome vai sair no jornal? Não, por favor, não...

Tranquillizo-o. Seu nome não sairá no jornal, nem mesmo no meu distante jornal carioca. Seu nome não

— DE RUBEM BRAGA PARA O “DIARIO CARIOCA” —

Que é Um Moço

me interessa. De resto, é muito provável que ele apareça em muitos jornais, talvez junto com outros, numa notícia curta que dirá mais ou menos assim: “Condenados á morte como espíões, foram fuzilados os indivíduos: Fulano de tal, de tantos anos, de nacionalidade italiana; Sicrano de tal, de tantos anos...”

Esta é, pelo menos, a opinião do oficial que me acompanha. Uma simples impressão: os espíões são julgados por uma corte militar em que não toma parte nenhum juiz brasileiro. Mas o caso daquele rapaz parece líquido.

O rapaz é inteligente — e principalmente esperto. Sua má sorte foi causada em parte pela cerração destas umidas montanhas, em parte pela parecença do uniforme de lã que nossos homens estão usando com o uniforme nazista. Giulio — vamos dar este nome ao ra-

paz — achou que tinha errado o caminho para atravessar a linha e pensou que estivesse perante uma sentinela nazista. Gritou duas palavras — a senha que deveria usar quando quisesse voltar para o lado alemão depois de colher as informações em nosso lado. Nosso sentinela estranhou a senha, deu um salto, e encostou a boca da arma na barriga do rapaz. Ele veio para a prisão muito tranquilo, respondeu direitinho ás perguntas que lhe fizeram. Era um pobre italiano, como há tantos outros, que foge de “terra de ninguém” e procura vir para o nosso lado porque “gli tedeschi sono brutti cattivi gli brasiliani molto buoni una sigaretta, per favore”. Mas de repente caiu numa contradição, e depois disso choveram as perguntas, e Giulio ficou cada vez mais nervoso.

Agora está perfeitamente calmo e aceita de bom grado o cigarro americano que lhe ofereço. Já confessou seu ofício. Onde o aprendeu? Fez um curso rápido com os nazistas, aprendendo principalmente a distinguir os uniformes e graus dos soldados aliados e suas armas. Fumando o cigarro, me explica a diferença entre os varios tipos de tanques aliados, e faz até uma pequena crítica sobre os pontos vulneráveis de cada um deles. Fala das metralhadoras e de nossos morteiros, de nossa artilharia, e explica os sinais das varias divisões americanas, e como se distingue um soldado australiano de um neo-zeelandês. Essa demonstração de cultura militar pratica não é sem objetivo: ele está na doce esperança de que nossos officiais aproveitem seus serviços de rapaz esperto, e o mandem de volta ás linhas alemãs. Da proxima vez

- segue -

(Um espião - Nov. 44 - F.E.B.)
pg. 54 82

93

Prendado

que vier de lá trará boas informações para nós...

Ninguém tem interesse em lhe tirar essa ilusão, que ele alimenta por conta própria. Ao mesmo tempo acha improvável que desejemos os seus serviços e se limita a dizer que vinha realmente fazer espionagem, mas não voltaria às linhas nazistas. Ia enganar os nazistas, porque ia ficar do lado de cá: tem sua família no sul...

— O senhor compreende, eu queria ver mamãe. Há muito tempo que não vejo mamãe. O único meio que achei de poder vir ver mamãe foi me oferecer para esse serviço.

E de repente:

— Mas não ponha meu nome no jornal, por favor! Amanhã eu posso ir para os Estados Unidos ou para o Brasil, e se meu nome sair no jornal fica difícil arranjar um emprego. Eu sei fazer muitas coisas. Se não

quiserem que eu trabalhe aqui eu posso trabalhar em qualquer outro lugar, na Inglaterra, nos Estados Unidos...

E enumera as profissões que é capaz de exercer. Um rapaz habil, cheio de prendas — e de boas intenções.

Despeço-me. A metade do que ele me disse e do que se apurou a seu respeito eu não contarei, de medo que a censura corte: o inimigo sabe muitas coisas a nosso respeito, mas há muita coisa que ele provavelmente não sabe que nós sabemos. Além disso, minha visita é rápida: não quero perder o "jeep" que arranjei para ir a um posto de combate.

— Boa sorte, Giulio!

E ele também me deseja boa sorte — mas eu não acredito, para falar com franqueza, que nenhum de nós dois estivesse desejando isso com muito empenho para o outro.

311/45

(Um espião - Nov. 44 - FEB)
pg. 57